

[ARTIGO]

**PERCEPÇÕES, CONSTRUÇÕES E
REFLEXÕES GEOPOLÍTICAS SOBRE O
MONSTRO FRANKENSTEIN DE MARY
SHELLEY: um ensaio contemporâneo**

Marcelo Duarte¹

RESUMO

O trabalho traz um panorama dos processos e dinâmicas sociopolíticas e históricas que moldaram o capitalismo, tendo como ponto de partida a Inglaterra. Analisamos seu papel como berço e propagador do sistema capitalista, suas lutas por poder e riqueza, e seus conflitos com espanhóis, franceses e holandeses no Atlântico e no “Novo Mundo”. A Inglaterra conquistou colônias de outras potências europeias, incluindo territórios espanhóis na América do Norte, onde emergiram os Estados Unidos. Após intensos conflitos, perdeu a colônia e, conseqüentemente, parte de sua influência, invertendo-se a relação entre criador e criatura, com a Inglaterra sendo controlada pelos Estados Unidos. A obra propõe reflexões sobre as conexões entre política, geopolítica e desenvolvimento capitalista, e sobre as transformações no trabalho criativo. Aborda a alienação e objetificação do trabalhador, bem como a fetichização do produto, que assume qualidades superiores ao criador. O trabalho explora esses assuntos pela obra Frankenstein de Mary Shelley, em analogias com o monstro quanto como produto criado.

Palavras-chaves: Frankenstein; Controle; Poder; Inglaterra; Colonização; Estados Unidos; Capitalismo.

ABSTRACT

The work provides an overview of the socio-political and historical processes and dynamics that shaped capitalism, with England as the starting point. We analyze its role as the cradle and propagator of the capitalist system, its struggles for power and wealth, and its conflicts with the Spanish, French and Dutch in the Atlantic and the “New World”. England conquered colonies from other European powers, including Spanish territories in North America, where the United States emerged. After intense conflicts, it lost the colony and, consequently, part of its influence, reversing the relationship between

¹ Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquímica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especializado em Filosofia pelo Departamento de Pós-Graduação Lato-Sensu da Universidade Gama Filho (UGF); Especializado em Neuropsicopedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Especializado em Ciências da Religião pelo Departamento de Pós-Graduação da Faculdade Unida; Licenciado em Pedagogia Plena com Habilitação ao Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Fundamental e Médio, Orientação, Supervisão e Administração Educacional pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Bacharel em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória - ES; Licenciado em Filosofia pela Universidade de Taubaté (UNITAU); Licenciado em História e Sociologia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e Bacharel em Filosofia pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

creator and creature, with England being controlled by the United States. The work proposes reflections on the connections between politics, geopolitics and capitalist development, and on the transformations in creative work. It addresses the alienation and objectification of the worker, as well as the fetishization of the product, which takes on qualities superior to the creator. The work explores these issues through Mary Shelley's *Frankenstein*, in analogies with the monster as a product.

Keywords: Frankenstein; Control; Power; England; Colonization; United States; Capitalism.

Introdução

A obra *Frankenstein ou Prometeu moderno* de Mary Shelley é considerada um clássico da literatura "global". A narrativa sobre o cientista Victor Frankenstein e sua obra-prima, a criatura-monstro Frankenstein, tem sido objeto de várias reflexões e desdobramentos relevantes. O construto se constituiu num misto de resenha-ensaio sobre a obra (ou o inverso, um ensaio misto com resenha), suas relações e discussões no âmbito das geopolíticas.

Mary é uma jovem de sua época. Com suas percepções, dilemas, relações sociais, aspirações, visão de mundo e, sobretudo, atenta aos processos históricos que ocorreram e ocorriam ao longo da história de seu continente e contemporaneidade – tais percepções foram cruciais para a produção de sua obra *Frankenstein*. Muitos processos sociais importantes estavam ocorrendo nos séculos XIX-XX. Dando a Mary elementos para configuração de sua obra. A exemplos os impactos do darwinismo e das novas tecnologias que surgiam. Desse modo, vale dizer que a escritora britânica, oriunda de familiares com certa formação intelectual, política e dentre outras - continha suas próprias concepções e noções críticas sobre os processos, movimentos, dinâmicas e fenômenos sociais, culturais, econômicos, políticos, tecnológicos e históricos que ocorriam. Fundamentalmente suas reflexões sobre os resquícios do positivismo e do cientificismo em voga e na esteira da história. Ou seja, ideais iluministas, positivistas e cientificistas como divulgadores de sociedades “avançadas, desenvolvidas” e promovedores da utopia e ideal de sociedade perfeita.

Tais ideais-utopias de construções e organizações sociais e projetos de sociedade perfeita eram pelo viés das classes hegemônicas e dominantes da época. Sendo essas, em geral, bastante conservadoras, preconceituosas, hierarquizadas, etnocêntricas, controladoras, disciplinadoras e com perspectivas colonialistas. Mary está a par e atenta a isso. Estando envolvida em um contexto repleto de transformações e mudanças profundas, marcando as sociedades, culturas, imaginários e relações sociais, isso porque o sistema capitalista comercial-mercantilista se transformara em capitalismo industrial, deixando impactos e marcas dramáticas nas sociedades e contextos.

Por volta do fim do Séc. XIX notáveis pesquisadores-teóricos formularão importantes reflexões sobre essas transformações e mudanças sociais e nas relações sociais bastante intensas, profundas e violentas, tanto concretas quanto simbólicas. A exemplo de tais pesquisadores e protagonistas no cenário social, cultural, político e

econômico, podemos mencionar Karl Marx, Friedrich Engels e tantos outros. Este último traz relevantes recortes dos fatos do contexto e cenário em várias obras e, apenas como indicação de uma das obras, *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. Mary está inserida e percebendo todas nessas problemáticas.

Ao analisarmos a obra de Mary, o Frankenstein sob novos ângulos, perspectivas e abordagens mais críticas, pelos âmbitos e aspectos interdisciplinares e multidisciplinares, conseguimos extrair algumas percepções importantes e relevantes que podem gerar novas reflexões sobre o trabalho da autora, seus contextos, eventos, simbologias, tipologias, metáforas e analogias entre ficção e realidade – além de poder serem comparadas e assemelhadas por correspondência com nossa contemporaneidade.

O cenário e processo de construção da obra, o Frankenstein

Mary nasce em 1797 Reino Unido-Inglaterra, a França, vizinha, ainda estava se recuperando da violenta e sangrenta Revolução francesa dos séculos XVIII. O ápice, porém, só ocorreu em 1789-1799, mas, as consequências perduraram por mais de uma década e, assim chegou ao séc. XIX. Isso em relação às causas, resíduos da brutalidade, violência e elementos da Revolução, que, na verdade, era uma Revolução controlada e direcionada pela alta e média burguesia, além de outros protagonistas insatisfeitos com as formas e modos de governo naquele contexto, a monarquia. Também havia os insatisfeitos com os obstáculos que a monarquia trazia e, impedia certo modo de progresso - progresso, domínio e controle burguês dos aparatos e instrumentos "públicos" que poderiam ser usados de forma prática e objetiva para atender especificamente seus interesses e necessidades sociais, políticas, comerciais e econômicas.

Desse modo, as massas desfavorecidas, miseráveis e famintas foram instrumentos utilizados pelas burguesias e outros protagonistas insatisfeitos com a monarquia e seus modos de governar, do que sendo os verdadeiros beneficiados com a revolução em questão. Em suma, foram carnes dilaceradas para que a burguesia francesa tomasse o poder de forma efetiva e definitiva. Além disso, do outro lado do Atlântico, a "ex-colônia" inglesa, a americana, está se estabilizando de sua Revolução, de 1776, mas prosseguiu até cerca de 1790. Isso se aplica também às suas consequências, elementos e outros efeitos que se seguiam na esteira da história e seus respectivos contextos. É importante salientar que ainda não há uma paz efetiva e definitiva entre a Europa e a América do Norte. Os contextos entre os séculos XVIII e XIX de nossa era são extremamente tensos e intensos. São complexos, problemáticos, dramáticos e traumáticos. Como exemplo de algumas das referidas problemáticas, complexidades e tensões, podemos citar Napoleão como um fator de instabilidade e desestabilização entre a Europa, influenciando e/ou afetando também as colônias nas

Américas. Isso pode ser também observado e relacionado com e na fuga do rei de Portugal para a colônia brasileira. Fugindo da Europa para não ser capturado por Napoleão.

Mary está em toda esta atmosfera. Apenas destacamos esses fragmentos como importantes, complexos da época e processos históricos. E o que poderíamos dizer sobre as questões do trabalho, moradia, desemprego, pobreza, miséria, conflitos e fome que surgiram com as revoluções da indústria na Europa? Além dos vestígios de elementos e evidências influenciáveis da Revolução Gloriosa pela Inglaterra – ou de outros componentes de impacto na Europa e específicos ao Reino Unido? Mary “respira” tal atmosfera em quase todas as áreas, aspectos e âmbitos da sociedade, das mentalidades sociais, da política, da economia, religião, cultura e dos constantes e contínuos conflitos ideológicos que se davam nessas conjunturas.

E o que tudo isso tem a ver com o monstro de Frankenstein de Mary? É claro que a exposição em tela a partir desse momento são nossas Percepções, construções e reflexões geopolíticas sobre o monstro Frankenstein de Mary, um Ensaio contemporâneo. E construído a partir de todo esse contexto em que a escritora está inserida, sua efervescência e dos resquícios dos movimentos e ideologias ainda em voga: sejam iluministas, positivistas e cientificistas. Importante lembrar que Darwin com seu darwinismo já são complexos e polêmicos na época e suas mentalidades. Fatos que já mencionamos. A partir desse momento do construto as relações, comparações, analogias, metáforas e outras, serão expostas e evidenciadas em/entre passado e presente.

A criação - que será maior e mais forte do que o seu criador, e incontrolável

A obra "O monstro de Frankenstein", de Mary, apresenta dois personagens principais, dois protagonistas e antagonistas simultaneamente, sendo um o cientista, o doutor Victor Frankenstein, e o outro a criatura ou monstro, o Frankenstein ou o Prometeu moderno. O cientista cria o seu monstro e SER, isso a partir de experimentos, objetivações, subjetividades e elementos de restos mortais de outras pessoas. Frankenstein é um produto de vários corpos.

Assim, o Prometeu moderno será conhecido pela sua relação complexa, antagônica, ambígua, paradoxal e problemática com seu criador. Ambos estão ligados, interligados e se espelham de alguma forma. Tanto o doutor Victor quanto o monstro criado pelo cientista são protagonistas e antagonistas, ambos têm suas objetividades e especificidades apresentadas pela autora, Mary.

Victor Frankenstein tem muitas ambições, desejos, perspectivas e motivações para criar/produzir sua criatura. O cientista só não tinha consciência de que ou sobre o que, ele realmente estava criando – pensava estar a criar um SER ao invés de um monstro. Talvez imaginasse sua criação como um ser amigo, amável, empático,

confiável e amistoso – ou talvez quem sabe sua criação pudesse ser utilizada como uma boa referência e guia para novas produções científicas? Talvez utilizar sua criatura para compreender os limites humanos, vencer doenças e até mesmo a morte. O doutor Victor através de sua criação também desejava alcançar a imortalidade ou a ressurreição da massa viva após a morte. Existem diversas motivações, perspectivas e ambições nos achados do doutor Victor e sua obra ou produto, o Frankenstein. Lembrando que a criatura pode ser reflexo do criador e da sociedade. Assim, após a criação do mostro, o doutor Victor constata que não criou um ser humano ou pessoa humana, mas uma criatura incontrolável, que agia de forma instintiva, irracional, violenta e perigosa. Um ser-coisa brutal.

Como estamos realizando um ensaio com percepções, relações e reflexões geopolíticas da obra de Mary, não adentraremos em pormenores, detalhamentos e descrições dos textos, no qual nos fariam fugir da objetividade do construto. Logo, focaremos apenas nas descrições, relações e delineamentos de modo resumidos e sumários de partes do conteúdo da obra. Já que a referida produção literária além de ser bastante conhecida, seja por livros, filmes, peças teatrais etc., apenas o geral da obra sendo exposto e apresentado, bem como certos recortes, já bastam como suficientes e necessários para tratarmos do assunto, reflexões e das discussões. Ou seja, relacionar e comparar a obra literária de terror com processos e conflitos históricos, políticos, econômicos, sociais, culturais, continentais e de relações geopolíticas e ou internacionais.

Sendo assim, a obra na totalidade ou um apanhado geral já atendem aos objetivos e reflexões pertinentes no qual desejamos alcançar. Portanto, não traremos minúcias da literatura em discussão como se estivéssemos realizando um resumo ou síntese com análises críticas, literárias etc. Mas apenas leituras com fins a demonstração da produção e relação entre o doutor Victor e sua criação, o Frankenstein. E inserindo nas entrelinhas dessas as relações e produções geopolíticas inglesa dos séculos anteriores e seus respectivos contextos com, e da obra o Frankenstein. Sobretudo sua relação com a criação americana e seus desdobramentos na atualidade. Inclusive sua relação com o sistema capitalista, no qual todos esses personagens, protagonistas, antagonistas, produtos e processos históricos estão interligados de alguma forma, seja direta ou indireta – tanto por analogias, metáforas, práticas, relações, comparações etc.

Dessa forma, antes de adentrarmos em tais especificidades, precisamos realizar ‘certo sobrevoos’ histórico entre os sécs. XV e XVIII. Isso durante e após os processos, movimentos e procedimentos de colonização espanhola com Cristóvão Colombo, Américo Vespúcio e dentre outros. Ou seja, precisamos realizar uma breve reflexão sobre a colonização do continente “ameríndio” e das terras denominadas de Américas, nome este dado em homenagem a Américo Vespúcio. Vale dizer que, a Espanha em suas práticas coloniais foi exercendo um processo de colonização mais de exploração

do que de habitação. Isso se deu também com relação ao processo colonial brasileiro pelos colonizadores portugueses.

Com isso, já na esteira dos processos históricos e de colonizações europeias dos sécs. XVI em diante, Inglaterra, Espanha, Portugal, França e Holanda disputarão suas hegemonias e poderes em vários sentidos, âmbitos e aspectos, tanto no continente europeu quanto fora dele, sobretudo Atlântico. Irão atacar uns aos outros continuamente, inclusive se saqueando e roubando uns aos outros (digo esses países), isso por práticas e métodos de piratarias, cobranças e exigências de altas taxas alfandegarias, impostos excessivos, ataques e afundamentos de navegações uns dos outros e dentre tantas outras formas de conflitos e violências entre si – e assim, durante toda essa estrutura de relações complexas, tensas e problemáticas, desencadeando conjunturas e seus processos ao longo do século XVI.

A Inglaterra foi superando seus obstáculos e dificuldades tecnológicas, econômicas, financeiras, comerciais e militares afetadas pelas guerras dos cem anos com a França, por volta dos séculos XIII-XIV, e no qual já planejava se lançar nas recentes conquistas espanholas através das navegações e colonizações, almejando possuir parte das referidas, e tão logo se originando novos conflitos, agora contra a Espanha – porém, mais adiante será contra os franceses novamente, incluindo os portugueses, holandeses e outros.

O cenário do conflito com os espanhóis se dará nos mares e na esteira do século XVI para o XVII. O objeto de disputa será as novas terras conquistadas pelos espanhóis, as Américas, mais tarde denominadas de Novo Mundo. Não demorará para os ingleses no século XVI e XVII estarem ocupando as colônias ou América do Norte dos espanhóis, não totalmente. Até porque todo o vasto continente do norte, desde o atual Canadá ao atual México, havia guerras, batalhas, conflitos e disputas pelas terras dos povos indígenas, tanto entre franceses contra ingleses, ingleses contra espanhóis, estes contra holandeses, holandeses contra ingleses, e todos esses contra os povos indígenas locais. No século XVII e XVIII o processo de colonização dos ingleses se dará mais por habitação e exploração, do que apenas de exploração, extração e envio de riquezas das Américas para a Europa. Práticas estas bastante comuns entre os colonizadores espanhóis e portugueses. Focando no envio das riquezas para as coroas europeias.

No século XVIII, boa parte das “américas” do Norte agora sendo dominadas por ingleses, franceses e holandeses, estes tão logo enviam vários navios repletos de europeus, sobretudo do Reino Unido diretamente para explorarem, habitarem e viverem nas terras colonizadas outrora apenas pelos espanhóis, mas que em processos e conflitos históricos da época, suas guerras e dentre outras, tal país vai perdendo suas conquistas de colonização para os ingleses, que tão logo vão exterminando os povos indígenas daquele continente, assim como os espanhóis havia feito anteriormente, e ali os ingleses vão construindo sua nova sociedade. A sociedade do Novo Mundo ou

terras do Novo Mundo. Do século XVIII ao XIX o extermínio dos povos indígenas e posse das terras em que eles habitavam serão o fator determinante para a construção dos Estados Unidos da América do Norte. Isso com a contribuição de franceses e outros. Indireta e diretamente. Ou vice-versa.

Em 1776, ocorreu a Revolução da América Norte, como processo de independência da coroa Inglesa. A grande maioria dos colonos, incluindo os pequenos e médios burgueses, os agricultores, profissionais oriundos de diversas áreas, como das manufaturas, fábricas e os recentes industriais (assim como alguns pequenos ou médios funcionários dessas), vão habitar a América do Norte, não apenas para colonizá-la e explorá-la, mas para se estabelecerem definitivamente nela, exterminando os antigos habitantes e, logo após, promover a independência da sua criadora, a coroa inglesa. Ou seja, passados alguns séculos os colonizadores do Reino Unido irão criar sua própria revolução e independência contra a coroa inglesa, em 1776. Mas, os conflitos não irão parar por aí. A criatura precisa se desenvolver e se expandir em vários sentidos – literais, figurados e simbólicos.

Logo, a partir de 1776, ocorreram outros-novos conflitos, batalhas e embates internos na América do Norte, sendo a guerra de sucessões entre 1860 e 1865, mais comumente conhecida como a guerra civil americana. Ou seja, a guerra entre os próprios colonos, mas envolvendo indígenas e negros. Porém, tudo se objetivava os benefícios, interesses e necessidades dos pequenos grupos hegemônicos e dominantes locais e suas relações com suas classes e “raça.” Raça porque o racismo nas américas no Norte não era velado, mas sim abertos e manifestos ativamente contra os povos indígenas e negros no recente país. Onde negros e indígenas eram vistos como infortúnio, problema, degradação e de males para aquela nação que surgia.

Desse modo, o produto que os ingleses criaram a partir dos restos mortais de outros europeus, assim como os de vários povos indígenas da América do Norte, deu origem a nação americana ou os Estados Unidos da América. Um produto criado pelo doutor "Frankenstein" britânico. Talvez o leitor já tenha percebido como ficção e realidade histórica parecem comungar certos elementos, se relacionarem, se assemelhares e de modo analógico se exporem – além de ressoarem e ecoarem na atualidade. Entretanto, o criador, tanto o Victor quanto o Reino Unido só não tinham consciência de que sua criatura se tornaria maior do que eles, de seus criadores, e mais forte do que eles, incontrolável, mais neurótica, psicótica, ambiciosa, violenta e tão obsessiva quanto seus criadores. Isso parece ser as percepções dos criadores diante de suas criaturas (Víctor e Frankenstein; e ingleses e americanos) – no qual a criatura vai sendo segregada, excluída e abandonada sutilmente. Fato que a criatura logo percebe. Já que ela não quer ser apenas uma criatura e criação, mas sim como seu criador, inclusive criadora e reprodutora como ele.

Portanto, assim como a criatura Frankenstein encontra relações, correspondências e influências francesas para sua instrução, educação e formação, a

América do Norte passará pelo mesmo processo. Ou seja, os franceses exercerão grande influência sobre os povos do “Novo Mundo,” os futuros americanos. Tais relações com os franceses influenciará no comportamento e aprendizado de ambos (o monstro e os Estados Unidos).

Através das narrativas e descrições do doutor Victor ao capitão Robert Walton, que o encontra e o acolhe quase morto no Norte do Ártico, é que podemos observar, analisar, relacionar e refletir sobre a complexa relação, identificação, semelhanças e reflexos em vários sentidos, âmbitos e aspectos entre a criatura e o criador, o criador e a criatura. Ambos são espelhos e espelhados de e entre si. Ambos são faces da mesma moeda. Uma vez que em muito, a criatura reflete ou espelha seu criador.

É importante observar como certa omissão, segregação, talvez exclusão, negação e aparente abandono entre os dois criadores e suas criaturas desenvolvem nessas últimas, certos comportamentos que já estavam embutidos nelas, faziam parte delas e suas personalidades (pessoais=Frankenstein e coletivas=sociais=euramericanos) – Mais não apenas delas, mas são como parte dos próprios criadores. O próprio sentimento de ciúmes, inveja, solidão, abandono, desprezo e violências são características humanas, de povos, e ocorrem entre as relações sociais, sociedades, culturas e entre países. A criatura é parte, contém e carrega parte do seu criador.

Quando o criador não atende os interesses e necessidades da criatura (isso entre Victor e Frankenstein), a referida se volta contra ele e o pune, o castiga e o faz sofrer direta e indiretamente, de várias formas e modos. Com vinganças e violências diversas.

Vale dizer que criador e criatura além de estarem ligados, relacionados e interligados, estes passam a se identificarem em certos sentidos e aspectos. Mesmo em seus conflitos, complexos e dilemas. E os outros ao redor serão meros objetos e peças de jogos nessa relação conflituosa, complexa, de egos, revoltas, narcisismos, neuroses, obsessões, psicoses, ambições, descontroles, possessões e irracionalidades entre criador e criatura. Um jogo psicótico que pode ser mortal.

E quando o criador (Victor) tem consciência desse processo e da relação dramática e traumática com sua criatura (Frankenstein), logo percebe que é preciso controlá-la, talvez eliminá-la de alguma forma ou modo, aniquilá-la e lhe devolver a violência e vingança perpetrada por ela, pela criatura contra o criador.

Nesse momento há um jogo de forças e de relações de poder entre criador e criatura, no qual ambos são semelhantes de alguma forma, bem como carregam processos de identificações e de transferências entre si, como imagens se espelhando – inclusive em possuírem semelhantes dificuldades em não saberem lidar com suas emoções, transtornos afetivos, distorções sentimentais complexas e com seus excessos que se desembocam em manifestações e práticas de violências e mortes. Sejam diretas ou indiretas. Simbólicas, figuradas e literais.

Sendo assim, quando a criatura é ferida pelo criador, sua ligação afetiva é desvinculada objetivamente dele, criador e pai - a rejeição, o abandono e a negação dele para com ela, a criatura-filho, fazem-na sofrer ainda mais em seus tormentos e conflitos internos. No entanto, essa relação tenderá à vingança e à violência, sobretudo quando a criatura tiver ansiosos desejos negados pelo seu criador. Ora, tais pedidos estão relacionados tanto a ela, à criatura quanto ao criador. Já que ela quer ser como ele. E sendo negados tais pedidos da criatura vinculados aos seus desejos pessoais, interesses e necessidades mais íntimas, inclusive estes ligados ao criador-pai, e negados por ele - A criatura fará suas demonstrações efetivas de vingança, violência e independência, que representam o corte e ruptura definitiva entre ambos. Resultando com a criação tornando-se raivosa, rancorosa, vingativa e violenta. A questão se a criatura-monstro tem consciência ou não é a reflexão mais complexa, indefinida e em aporias da discussão. Até porque nós estamos falando de força bruta, violência, devastação, dor e sofrimento causados pela criatura e seu descontrole em vários sentidos e âmbitos. Tais fatos em relação a consciência ou inconsciência da criatura-monstro, bem como sua irracionalidade, falta de empatia etc., seriam difíceis de mensurar, quantificar, qualificar ou aprofundar.

Assim sendo, a criatura demonstra seu ódio contra o pai-criador, o fazendo sofrer e cair num limbo quase que de niilismos. Isso porque o trauma e drama entre ambos é um processo e movimento dialético. Talvez de mão dupla. Logo, a criatura, já forte, com informações e certos conhecimentos suficientes, foge para o Norte. O criador a persegue para disparar o último golpe de aniquilação contra sua criatura, que, ao ser avistada, revela-se abertamente como sendo incontrollável, insaciável, vingativa, violenta, geniosa, cruel, perigosa e fria, talvez assim como o seu próprio criador. Há nessas relações de forças e poder, bem como de jogos psíquicos - os elementos ególatras e narcisistas. Isso expresso por ambas as partes, criador e criatura. Ou vice-versa.

Diante desses fatos-eventos, em ambientes frios e ao norte, haverá um confronto entre criador e criatura. No entanto, uma vez que a criatura havia sido devidamente educada pelos franceses, sabia como proceder diante do criador. O criador parte bastante debilitado, contra sua criatura mais forte e mais inteligente do que era quando fora criada. Talvez ele a tenha subestimado. Em toda essa perseguição, que tem como elementos o frio e o fogo, simbolizando a guerra e a morte, o criador cede à criatura e seu poder - e sem ter a certeza do destino dela ou do que será dela, ele falece.

Logo, o Reino Unido perde sua criatura e, num certo momento, a distância e a frieza entre criador e criatura é como se fosse a morte e a separação de ambos. No entanto, a criatura segue o seu destino assim como o criador o dele. Porém, ambos não têm a certeza de que qual será o final deles. Nas entrelinhas da obra há certo jogo de palavras, cenas, emoções e imagéticas, que são objetivos na construção de um fim

aparentemente indefinido e em suspense, mas com a culpabilidade na consciência do criador e da vitória e ascensão da criatura. Que parece executar, ou talvez simular, a própria morte-destruição. A influência mística-religiosa na literatura de Mary também nos causa a sensação de condenação eterna ou culpa infinita no cientista e na criatura. Entretanto, há muitos jogos sutis nos processos de relações entre criador e criatura. Assim como também há sutis jogos em seus embates, conflitos e dilemas.

Com isso, há sob a criatura uma sensação de incerteza se ela realmente se extinguiu ou se simplesmente dissimulou e se dispersou, se misturando com outras pessoas, culturas e sociedades, isso com características semelhantes às dela. A sua motivação para a vingança e violência foram a negação da possibilidade de relação-reprodução de seres como ela. Ou seja, de ser como seu criador. Sua fúria mortal era o fato de não pertencer, além da negação e inibição de seus desejos pessoais, interesses e necessidades biopsicossociais. A ruptura entre criatura e criador, resultou na morte do criador e na aparente ou hipotética vitória e permanência da criatura.

A isso ficam certas dúvidas e incertezas quanto a real e concreta aniquilação da criatura. Talvez ela tenha realmente sucumbido ao seu trágico fim – fim inscrito nas suas próprias origens espelhadas e assemelhadas com a morte, morte dos diversos cadáveres que a formaram-deram forma – assim como na morte de seu mortal criador. Inclusive as mortes que a criatura causa para se manter enquanto criação-produto. É de se espantar todas essas analogias, relações, metáforas e semelhanças com o surgimento do sistema capitalista, com sua importante e “matriz central” inglesa, bem como a criação-produto-criatura que esta ajudou a construir, o sistema norte-americano e seus modos de os apresentar, expressar e realizar seus processos, dinâmicas, interesses e objetivos, tanto do capitalismo global quanto norte americano.

Conclusões

O que ficam das reflexões: a Inglaterra, que se tornou um dos grandes centros e desenvolvedores do capitalismo na esteira dos processos históricos, gerou sua criatura que a superou e a ultrapassou, de diversas maneiras e modos. Dessa forma, os Estados Unidos não apenas se tornaram o maior centro de poder e centralizador desse, bem como numa espécie de cadeia de comando do Capitalismo, inclusive a potência militar com maior poder, domínio, influência, presença e processos de neocolonização, intervenção e interferências em diversos países do mundo por décadas. Agindo como uma criatura que destrói tudo o que não atende aos seus interesses narcisistas e egocêntricos. Se tornando o Frankenstein “do cientista e criador Victor Frankenstein,” a Inglaterra, seus conflitos e apetites. Que além de não possuir mais controle sobre a criatura, também a teme. A deixando livremente. Enfim, houve certas transições de poder entre criador e criatura.

Portanto, o próprio monstro é um produto dos processos do trabalho criativo sob a influência do capitalismo, assim como o Frankenstein Norte Americano é uma consequência do trabalho escravo, das colonizações, destruições, violências e mortes. Se Marx e Engels que foram contemporâneos a muitos desses fenômenos, processos, revoluções, dinâmicas e movimentos culturais, econômicos, políticos e sócio-históricos aqui mencionados, bem como os anteriores que deixaram suas marcas, consequências e resquícios com rupturas e continuidades nas sociedades nos tempos desses dois importantes teóricos (vale dizer eventos que deixaram marcas até a atualidade), no qual perceberam, escreveram e procuraram intervir no “mostro do capitalismo” que deixava suas vítimas pelo caminho do sofrimento, penúria e morte – o que os referidos analisariam ao observar, associar e relacionar o monstro produzido pelo trabalho criativo do cientista com relação à produção do “Frankenstein” Norte Americano? Isso como produto Inglês-Francês-europeu?

Sobretudo que esse produto e criatura se transformou num tipo de poder central e centralizador, controlador, disciplinador e que possui enorme capacidade de destruição direta e indiretamente, inclusive sendo como uma criatura que se reproduz a si e a sua presença dominante e hegemônica em quase todo o globo. O que tais autores refletiriam? A que conclusões chegariam sobre essas relações, ligações, analogias e ou comparações com certas semelhanças entre o Frankenstein e os EUA? Talvez inferissem que o capitalismo criou-vem criando seus monstros através e por meio do trabalho explorador, expropriador, alienador e com fins a reproduzir mais criaturas a imagem e semelhança da primeira criatura ou próprio criador, que ecoa e ressoa com a própria imagem de seus idealizadores, as classes dominantes e hegemônicas nacionais, continentais e globais. As criaturas seriam como uma espécie de constelação de espelhos refletindo imagens distorcidas, controversas, complexas, desfiguradas, antagônicas, narcisistas, egocêntricas, vingativas e violentas: a dos seus senhores-criadores-idealizadores-formadores. Tais idealizadores-formadores com suas propostas e projetos de formação das massas como criaturas, o são de desumanização, e não de humanização.

Quanto a aniquilação da criatura, ela pode ser interpretada de duas maneiras. A primeira diz respeito ao seu próprio poder de violência e destruição incontrolláveis que se volta contra si, já que se torna deficiente em compreender suas ações, limites, confusões, sentimentos complexos e irresponsáveis. Aqui poderíamos dizer sobre as relações entre o monstro e Victor; das revoluções burguesas; dos processos colonialistas; da criação dos EUA sob diretrizes inglesas; dos processos e facetas do Capitalismo selvagem; dos atos destrutivos das políticas expansionistas e neocolonialistas euramericanas; das guerras perpetradas pela criatura inglesa para manter e demonstrar seu poder, domínio, hegemonia, força e vontade sob o globo; e assim por diante.

A segunda maneira seria a incapacidade da criatura de sentir as coisas racionalmente ao invés de instintivamente, de possuir empatia e unificar tais sentimentos e percepções pelo crivo da consciência e criticidade construtiva (criticidade e autocritica), para somente depois agir – onde sendo o contrário, resultaria no dissolver do seu próprio SER, mesmo existindo, tais ações poderiam levar a criatura a se autodestruir ou talvez dissimular sua existência. Enfim, possivelmente uma autodestruição parcial ou total, planejada ou não, isso pela não ativação e exercício da consciência, empatia, da crítica construtiva, e fundamentalmente da autocritica.

Importante dizer que isso não significa que a criatura não busque e se esforce para se manter enquanto tal, como criatura, “ainda que inconsciente.” Sim, paradoxalmente ela sente prazer em ser o que é, enquanto SER e existência. Dessa forma, ela apenas aparenta possuir controle de si. Porém, ela não possui tal controle. E ainda conflituosamente e paradoxalmente ela quer se parecer com seu criador. Não ser ele, mas como. E sem deixar de ser ela. O fato de a criatura desejar se reproduzir não é apenas uma necessidade afetiva, de companhia ou emocional. Não, ela não quer apenas isso, ela quer ser como seu criador. Parecido-semelhante. Que sendo criador, logo estaria sob/no controle das coisas – só que paradoxalmente ele perde o controle com suas ambições excessivas, ego inflamado, narcisismo exacerbado e desejo de possuir controle de tudo, sobre o incontrolável: a questão da morte e outras mais. E a criação de um ser-monstro irracionalmente sem imaginar as consequências já é um descontrole. A criatura está nesse jogo de poder e controle.

Logo, seu aparente controle é um disfarce. Assim como o controle sob sua criatura. Que também demonstra ter controle sobre si, mas sendo também um disfarce. Isso para manipular e controlar seu criador. Enfim, embutido nesses jogos de relações de forças há a constante presença do controle sobre o outro e a manipulação desse por quem tem maior poder. Victor sobre Frankenstein e vice-versa. Apenas como alguns exemplos sociais, os constantes jogos e correlações de forças, domínio, controle e poder no âmbito social, político e econômico, isso nos processos das dinâmicas de dominação de uns sobre outros – no qual sempre se apresentam por meio de dispositivos-leis de controle do descontrole e incontrol das massas. Ou seja, os excessos e descontrole de uns ou poucos sobre o controle de muitos ou das massas. A coroa inglesa controlar a colônia americana e o contrário são outros exemplos. O sistema capitalista assim como os EUA controlarem o globo são mais exemplos.

Isso também pode ser observado nas passagens do imperialismo antigo para o feudalismo, do feudalismo para o capitalismo, e deste em suas várias facetas-performances. Assim como deste para os neoimperialismos. E fundamentalmente nos atuais neocolonialismos. Todos manifestam objetivos de controle de uns poucos sobre o aparente descontrole das massas globais incontroláveis. Dessa forma, podemos observar que muitos processos, dinâmicas e relações na obra Frankenstein de Mary

podem se relacionar, ecoar, ressoar e “serem análogas” a muito dos contextos anteriores a autora, seu contexto, como se desdobrarem em nossa contemporaneidade. Relações essas marcadas, atravessadas e com elementos de práticas de jogos de forças, obtenção de domínios, poder, controle, colonização, exploração, expropriação, alienação, manipulação, violências e mortes. Isso de uns poucos sobre muitos.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. In: ORTIZ, R. (org.). Sociologia. São Paulo. Editora: Ática, 1986.
- ENGELS, F. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo, Boitempo, 2008.
- FREUD, S. O Mal-estar na Cultura. São Paulo. Editora: L&PM, 2013.
- HOBBSBAWM, E. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LE GOFF, J. Uma Breve História da Europa. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- O'GORMAN, E. A invenção da América. São Paulo. Unesp, 2010.
- PEREIRA, A. Diários de Bordo de Cristóvão Colombo. Rio de Janeiro. Record, 1992.
- SHELLEY, M. Frankenstein. São Paulo. L&PM, 2016.
- WAGNER, R. Símbolos que representam a si mesmos. São Paulo: UNESP, 2016.